

# Desafios no digital para uma Educação a Distância:

## «*Outros tempos, outras oportunidades formativas!*»

O Ensino a Distância (EaD) não é uma novidade no seio do sistema educativo de Portugal. Foi no dia 6 de Janeiro de 1965 que se iniciaram as primeiras emissões da designada «Telescola» com os seguintes objetivos: permitirem aos alunos acederem e concluírem o 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Preparatório e, ao mesmo tempo, darem uma resposta com uma maior amplitude geográfica, em especial, para os alunos residentes em zonas rurais mais isoladas e em zonas suburbanas sobrelotadas. Este ensino era emitido pela RTP e era apoiado em cada um dos postos de receção (salas de aula) por monitores. Estima-se que frequentavam estas aulas cerca de mil alunos.



**Henrique Gil**  
PhD  
Professor Adjunto  
da Escola Superior  
de Educação  
do IPCB  
hteixeiragil@ipcb.pt

Na década de 70, assistiu-se ao alargamento da escolaridade obrigatória para os 8 anos de escolaridade e a telescola continuou a dar apoio aqueles alunos, em regime de substituição, onde não era possível um acesso direto aos estabelecimentos de ensino. Posteriormente, com o surgimento e com a generalização dos videogravadores, as emissões da telescola deixaram de ser realizadas pela RTP, passando a ser utilizadas cassetes de vídeo como material de suporte. Esta oferta formativa a distância teve diferentes designações (Curso Unificado Telescola; Ciclo Preparatório TV; Ensino Básico Mediatizado) e foi extinta no ano letivo de 2003/04. Aquando do encerramento do Ensino Básico Mediatizado, no ano de 2002 existiam 320 salas de aula e cerca de 5200 alunos inscritos e o sentimento geral é o de se ter cumprido uma função social de extraordinária importância dado que esta foi a única via de permitir o acesso a seis anos de escolaridade junto de uma população mais rural e excluída de muitos direitos e oportunidades. Numa outra dimensão, a telescola, entre as décadas de 60 e de 70, as aulas eram emitidas em canal aberto pelo que podiam ser acedidas por toda a população. Por essa razão também se permitiu a possibilidade de uma aprendizagem ao longo da vida ainda que de forma muito informal.

6 No panorama educativo português é criada a Universidade Aberta no ano de 1989 com o intuito de se promover um ensino a distância que permitisse a obtenção de licenciaturas. No período compreendido entre 1989 e 2006, a Universidade Aberta teve como base um modelo que assentava na autoaprendizagem que mobilizava diferentes recursos didáticos: emissões de televisão e de rádio (canal aberto), audiocassetes, vídeo cassetes e manuais em formato papel. Para além destes suportes os estudantes podiam contactar com os seus tutores via telefone ou nos Centros de Apoio sedeados nas capitais de distrito. A partir do ano de 2007 até ao presente, a Universidade

Aberta adotou um novo paradigma: Modelo Pedagógico Virtual. A mudança de paradigma teve por base a emergência de novos recursos tecnológicos suportados pela Internet e pelos novos recursos digitais que proporcionaram novos espaços de aprendizagem num contexto virtual. Para o efeito, houve a necessidade de se promover um programa de formação dos docentes com o objetivo de conhecerem e de se apropriarem de novas metodologias mais adequadas a um trabalho colaborativo no 'ciberespaço'. Neste sentido, o modelo assenta na utilização de plataformas de aprendizagem, num ambiente totalmente online, onde para além de se continuar a promover a autoaprendizagem surgem agora novas oportunidades para uma aprendizagem colaborativa no seio de uma turma virtual. É, pois, desta forma que se iniciam e se institucionalizam as práticas formativas no formato de e-Learning. Neste novo e atual panorama digital, com a facilidade de acesso à Internet cada vez mais generalizada e ubíqua, o slogan mais associado ao EaD de «Anytime, anywhere!» tornou-se numa realidade. A profusão de espaços wireless e a iniciativa «Eduroam» veio tornar os espaços académicos em verdadeiros 'ciberespaços' onde a comunicação e a partilha de informação e a geração de conhecimento se vem tornando rotineira. Acresce referir que se trata de um verdadeiro 'ciberespaço' que ultrapassa fronteiras físicas no seio da União Europeia e da União Europeia para todo o mundo. Por outro lado, os atores da comunidade académica (docentes, estudantes e trabalhadores não docentes) vêm demonstrando uma cada vez maior capacidade de lidar e incluir as tecnologias e as plataformas digitais no desempenho das suas atividades. Neste contexto, configuram-se todas as premissas para que o EaD se possa estabelecer de forma gradual como uma oferta formativa complementar no que atualmente se convencionou designar por e-Learning. Nas suas atuais variantes pode-se considerar o b-Learning e, mais recentemente,

o m-Learning. O b-Learning apresenta-se com uma característica mista ao configurar-se como uma oferta formativa a distância, mas que contempla sessões de formação presenciais, sempre que haja condições para que tal possa ocorrer. Potencialmente, a modalidade de b-Learning pode promover contextos educativos mais 'afetivos' tendo em conta o contacto presencial da comunidade educativa. Contudo, se esta comunidade envolve estudantes que residem em locais longínquos tal possibilidade só será viável à custa de um dado esforço financeiro. Num outro sentido, o m-Learning privilegia uma formação a distância, mas num suporte 'mobile' ao qual se associa o smartphone pela sua cada vez maior utilização dado que combina a função de telefone com a de um verdadeiro computador miniaturizado. E, pelo facto da sua utilização ser uma constante diária em múltiplas ocasiões e contextos com o número cada vez mais abundante de acessibilidade wi-fi (ou até mesmo através dos pacotes de dados móveis), os estudantes estão praticamente sempre online. Por essa razão há também quem já apelide esta nova tendência de u-Learning, atendo à ubiquidade das redes digitais. Esta enorme familiaridade com os dispositivos móveis digitais acompanhada de crescentes níveis de literacia digital torna esta possibilidade ainda mais facilitadora para uma formação a distância onde a já referenciada alusão ao «AnyTime, AnyWhere!» se possa agora passar a referir como «AnyTime, AnyWhere, AnyDevice!» Tendo em conta o enquadramento sumário apresentado, há que referir que através do e-Learning, no seu sentido mais lato, se torna possível fomentar a apresentação de ofertas formativas para este formato digital no sentido de se poderem alcançar novos públicos e fomentar, em particular, formações pós-graduadas e/ou especializadas. A enorme flexibilidade espacial e temporal do e-Learning permite que cada estudante possa adaptar a sua formação às suas disponibilidades.

Ao mesmo tempo, esta formação tem como suporte tecnologias digitais que são do agrado dos estudantes e que se integram numa metodologia onde se privilegia a aprendizagem colaborativa e, neste particular, a interação em rede que é sobejamente apreciada pelos estudantes. É neste contexto que se criam espaços para uma comunidade de aprendentes onde se efetiva a cocriação do conhecimento. Obviamente que os docentes incluem novas metodologias de forma a que o ambiente pedagógico seja mais colaborativo e interativo onde a designada e-moderação constitui a pedra-chave para o sucesso educativo. Não se pode escamotear o facto de esta proposta formativa exigir outro tipo de competências não apenas digitais mas, sobretudo, de carácter pedagógico. Porque, afinal de contas, a tecnologia constitui apenas o recurso e/ou a ferramenta sendo a componente pedagógica aquela que se torna mais decisiva. O Instituto Politécnico de Castelo Branco, através do Despacho nº 40/2015, cria a coordenação institucional para o e-Learning com o objetivo de criar e de diversificar novas ofertas formativas com especial interesse na captação de novos públicos, potencialmente oriundos de outros contextos geográficos, e permitir uma formação mais flexível adaptada às necessidades e às disponibilidades de estudantes que já estão integrados no meio laboral de forma a compatibilizar horários. Por outro lado, esta nova oferta formativa, num formato de pós-graduação, continuando numa abordagem aplicada também foi criada com o intuito de poder permitir aos licenciados pelo IPCB a oportunidade de uma especialização. Para o efeito, foi assinado um protocolo com a Universidade Aberta, instituição de referência nacional e internacional no EaD e presentemente com uma oferta forma exclusivamente em formato de e-Learning, onde foi prevista a formação de docentes em ambiente online e uma assessoria administrativa/académica, assim como, a partilha na coordenação

das pós-graduações a criar. Foram já feitas duas edições de formação de docentes do IPCB (Formação para a Docência Online) ministrado por docentes da Universidade aberta, com a duração total de 260 horas (10 ECTS), onde estiveram envolvidos 35 docentes. As ofertas formativas conjuntas do IPCB/UAB no formato de Pós-Graduações que já tiveram lugar são em «Construção Sustentável de Edifícios», «Gestão de Negócios» e «Proteção Civil». Também já está aprovada e pronta a entrar em funcionamento uma pós-graduação em «Design e Fabrico Assistido por Computador» e encontra-se em fase de aprovação uma outra pós-graduação

em «Sistemas de Informação Geográfica». Dados os 'primeiros passos' num 'novo terreno formativo', é preciso sustentar a presente oferta formativa que já atingiu cerca de 80 estudantes. Mas é também necessário envolver a totalidade das Unidades Orgânicas do IPCB para que se consiga tornar o e-Learning numa oferta mais global que reflita o verdadeiro potencial do IPCB junto de outras geografias e de outros continentes. E, desta forma, internacionalizar e potenciar os recursos e a investigação do IPCB criando sinergias para novas parcerias e para novos desafios para os quais estaremos aptos para responder!